

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NAS TELENÓVELAS BRASILEIRAS: UM ESPAÇO EM CONSTRUÇÃO

Francijane Lima dos Santos e Marcia Ramos da Silva

Graduandas em História/UEPB-Guarabira

francyjane_lima@hotmail.com

márcia_rs00@hotmail.com

Profª. Drª. Solange Pereira da Rocha – Orientadora

banto14@hotmail.com

RESUMO

Com esta comunicação pretendemos discutir as representações da mulher negra nas telenovelas brasileiras, especialmente na novela Anjo Mau, produzida pela Rede Globo, nos anos de 1997-1998, observando as imagens construídas sobre a mesma nesse meio de comunicação, uma vez que ainda, no imaginário social mulheres negras são vistas como seres subalternos, com baixo potencial intelectual e com potencial apenas para exercer a função de trabalhadoras domésticas. Na nossa análise procuraremos destacar as mudanças e permanências ocorridas nas construções televisivas sobre a mulher, pois os arquétipos estabelecidos evidenciam que ainda há uma problemática ideológica no que tange essas representações, porque os papéis oferecidos possibilitam uma identificação bastante negativa da mulher negra. Nesta perspectiva reflexiva, recorre à idéia de que o debate não é mostrar simplesmente o lugar da mulher negra nesse universo das telenovelas, mas quem construiu esse espaço, e se o mesmo é o legítimo da mulher negra brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: mulher negra, telenovela, representação

INTRODUÇÃO

É comum vermos nas telenovelas uma pequena parcela de pessoas negras atuando e, geralmente, suas participações são compostas por características que as rotulam de tal forma que é como se tais características fossem oriundas de si, reforçando estigmas existentes sobre as mesmas.

São diversos os arquétipos criados sobre os homens negros e mulheres negras nas telenovelas brasileiras, o primeiro geralmente é representado com o arquétipo de malandro, que

sempre tira proveito das situações, a segunda é o da mulata “boazuda”, caracterizada por sua sensualidade e sucesso sexual, este último podendo ser percebido em várias canções populares, notadamente esses estereótipos expressam as reais intencionalidades de uma sociedade que – mesmo de forma camuflada – procura diminuir a cultura e auto-estima do outro.

Tendo em vista este poder de construção de imagens que as telenovelas possuem e perpetua, o presente artigo se volta para uma análise sobre as representações que as mulheres negras exercem na segunda versão (*remake*) da novela Anjo Mau exibida em 173 capítulos, entre setembro de 1997 e março de 1998.

Nossas indagações surgiram por percebermos um número atenuado de mulheres negras atuando nas novelas, como também os papéis subalternos que as mesmas exercem, entretanto, não queremos dizer que os papéis secundários sejam indignos, mas sim problematizar porque geralmente são efetivados por mulheres negras. Procuraremos caracterizar as personagens negras identificando os arquétipos transmitidos por estas, no intuito de identificar às representações que a mídia televisiva impõe aos negros em especial as mulheres, uma vez que ainda, persiste no imaginário social que as mulheres negras são vistas como seres subalternos, com baixo potencial intelectual e também exercendo, quase sempre, funções domésticas.

Joel Zito de Araújo (2004) confirma as participações limitadas das mulheres negras, e explicita que, em sua maioria, são coadjuvantes e/ou figurantes e Gislene Santos, também elencou, os papéis dados às pessoas negras, nos anos de 2004 e 2005, como ao de duas mulheres, mãe (Rita) e filha (Lady Daiana) de uma mesma família que amam homens brancos, sendo que o primeiro marido de Rita era um homem negro, Cigano, a espancava com frequência. A novela referida foi *Senhora do Destino*, de autoria de Agnaldo Silva e veiculada em 2004. No ano seguinte, a novela América, de Glória Perez, um homem negro, Feitosa, faz grandes sacrifícios, como fugir da mãe retratada como uma megera, para se casar com a loira Islene. Na trama ainda há Dalva, a “mulata sensual”, mãe de uma criança, resultado de uma relação extraconjugal com um homem branco. Outra trama recente, de 2005, *A Lua me disse*, de Maria Carmem Barbosa e Miguel Falabella, “debocha de maneira escancarada de uma família negra” ao mostrar duas irmãs, Latoya e Whitney, que se recusam a relacionar-se afetivamente com pessoas negras e tentam livrarem-se de seus traços físicos (nariz, cabelo e cor), evidenciando o que Araújo (2000) chamou de negros com “esquizofrenia”.

Além das pessoas negras não representarem papéis importantes e reforçarem estereótipos, a presença delas não se aproxima da proporção de afro-brasileiros existentes no Brasil (cerca de 45%). Em um levantamento sobre as telenovelas exibidas entre os anos de 1963 a 1997, Araújo (2000) identificou o seguinte quadro:

- “Período de 1963 a 1970 – 25 novelas com personagens negros;
- Período de 1971 a 1980 – 59 novelas com personagens negros;

- Período de 1981 a 1990 – 72 novelas com personagens negros;
- Período de 1991 a 1994 – 72 novelas com personagens negros”.

Segundo o autor, somente se identificou quatro famílias negras de classe média. A subalternidade, temas relacionados à escravidão e quase nenhuma abordou conflitos inter-racial. Sendo que as principais telenovelas exportadas tratam desses temas – Escrava Isaura (vendida para 67 países) e Sinhá Moça (vendida para 56 países). Esses são alguns dos exemplos que levam o Araújo (2000, p. 85) a afirmar que vivemos num país no qual permanece o senso comum entre roteiristas e produtores. Eles continuam a acreditar em uma “superioridade de [brancos] sobre negros e índios, e, conscientes ou não, colaboram nas construções de uma identidade de branquitude, impondo a estética branca e europeia como [único] padrão de beleza”.

A PRESENÇA DA MULHER NEGRA NA MÍDIA

As vias de comunicação, principalmente a mídia, vêm mostrando cada vez mais a presença do preconceito racial, evidenciados não só nas imagens, mas também temos músicas que permanecem por décadas no repertório nacional e se utilizam de arquétipos para caracterizar a mulher negra, destacando seus atributos sexuais, sua capacidade de arrancar desejos carnis do homem por sua sensualidade “morena”, como também referências ao cheiro da pele morena como algo positivo. Isso pode ser percebido na música de abertura da novela A cor do pecado, transmitida pela Rede Globo, em 2004.

Da cor do pecado

Esse corpo moreno cheiroso e
gostoso que você tem
É um corpo delgado da cor do pecado
Que faz tão bem
Esse beijo molhado, escandalizado que você deu
Tem sabor diferente que a boca da gente
Jamais esqueceu
E quando você me responde umas coisas com graça
A vergonha se esconde
Porque se revela a maldade da raça
Esse corpo de fato tem cheiro de mato
Saudade, tristeza, essa simples beleza

Esse corpo moreno, morena enlouquece

Eu não sei bem porque

Só sinto na vida o que vem de você

No que tange a televisão, esta também acarreta discursos racistas, se pararmos para analisarmos, quem é que faz propaganda do carro do ano? Em sua maioria, os apresentadores dos jornais televisivos são brancos ou negros? E as novelas, que papéis as mulheres negras exercem? Com essas perguntas queremos mostrar a face preconceituosa de um país que vive, ainda, o mito da democracia racial, a exclusão camuflada que há por trás da mídia brasileira, uma vez que o funcionamento da mídia atua no sentido de reforçar e reafirmar padrões da cultura hegemônica. Torna-se preciso repensar o papel da mídia na construção de identidades, pois ela pode formar identidades já que fazemos parte de uma sociedade midiática e consumista.

As telenovelas brasileiras também abarcam arquétipos que constroem uma identidade negativa sobre os negros(as), seus conteúdos geralmente têm como fundo de base o cotidiano dos indivíduos, o fictício se mistura com a realidade e vice – versa, elas já fazem parte do cotidiano brasileiro diariamente, as pessoas se sentem seduzidas pelas tramas, ou seja,

A telenovela pode ser considerada, no contexto brasileiro, nutriente de maior potência do imaginário nacional e, mais que isso, ela participa ativamente na construção da realidade, num processo permanente em que ficção e realidade se nutrem uma da outra, ambas se modificam, dando origem a novas realidades, que alimentarão outras ficções, que produzirão novas realidades. O ritmo dessas transformações passa a ser a questão.

Os arquétipos que são criados nas novelas se referem mais a diminuição do intelecto da pessoa negra ou atributos negativos como a sexualidade e trapaça, ademais as mulheres negras sempre assumem papéis de domésticas, prostitutas ou submissas, sempre papéis que não requerem esforço intelectual, é como se não fossem capazes de assumir papéis de protagonistas ou de ter uma ascendência econômica – quando tem tiveram que se submeter a humilhações -, quase nunca são retratadas em uma família “normal”, com condições econômicas favoráveis como geralmente as mulheres brancas possuem. Muitos atores e atrizes se sentem indignados com a participação e como esta é efetuada nas telenovelas brasileiras, não só nestas, mas nos meios de comunicação, como disse Antônio Pitanga: Antigamente o pelourinho era o pau e o chicote.

Hoje está nos meios de comunicação de massa. Somos chicoteados a toda hora em nossa auto-estima”.

Dessa forma, percebemos que a mídia tem um poder enorme na construção de identidades, principalmente as telenovelas que estão presentes no dia a dia da sociedade brasileira, transmitindo imagens que formam/reforçam arquétipos tanto de forma explícita como sutil sobre as características das pessoas negras – em sua maioria física – que os distanciam dos brancos maiores vão ser sua inserção em cargos subalternos, isto serve tanto para os negros quanto para os índios.

Todos eles, portanto, são obrigados a incorporar na televisão a humilhação social que sofrem os mestiços em uma sociedade norteada pela ideologia do branqueamento, em que a acentuação de traços negros ou indígenas significa possibilidade de viver um terno sentimento racial de inferioridade, e uma consciência difusa e contraditória de ser uma casta inferior que deve aceitar os lugares subalternos intermediários do mundo social.

A MULHER NEGRA E OS SEUS ARQUÉTIPOS REPRESENTADOS NA NOVELA ANJO MAU - (1997)

A novela *Anjo Mau* tem a seguinte história. Nice, uma moça pobre que não media esforços para atingir seus objetivos. Emprega-se como babá na mansão na família dos Medeiros, onde já trabalha seu pai, Augusto, e se apaixona por Rodrigo, o filho mais velho da família, irmão de sua patroa, Stela. A ambiciosa Nice usa de todas as armas para conquistar o rapaz e planeja o dia em que deixará de ser pobre e se transformará na dona daquele casarão.

Uma cara de anjo, mas com atitudes nada correta, e inconformada com o destino previsível – casar-se com o namorado suburbano, Júlio, e ter muitos filhos – , Nice aproveita as descobertas que faz na mansão para fomentar intrigas e tentar se aproximar de Rodrigo. Ele está prestes a se casar com Paula quando descobre – através de uma armação da babá – que a noiva o trai com seu próprio irmão, o playboy Ricardo. Desiludido com os dois e disposto a desafiar a família e a soberba da sociedade que o rodeia, Rodrigo começa a aparecer na noite paulista em companhia de Nice. Mas o caminho ainda não está totalmente aberto para ela. Rodrigo se encanta com a doce Ligia, apaixonada pelo rapaz, e a babá usa seu próprio irmão, Luís Carlos, para separar os dois.

Enquanto luta para conquistar Rodrigo na mansão dos Medeiros, Nice vive um inferno em sua casa. Ela é a filha adotiva de Augusto e Alzira. O pai ama a sua filha, mas Alzira nutre um estranho ódio por Nice e esconde um segredo do passado.

Além da trama central, o preconceito racial afasta a simplória Cida da filha Tereza: para manter o casamento milionário com Ruy Novaes, ela diz que a mãe já morreu temendo que o marido descubra que ela é filha de uma mulher negra. Mas Bruno, filho de Tereza e Ruy, começa a namorar Vívian, filha de criação de Cida, obrigando Tereza a desenterrar seu passado.

A decadência da tradicional família paulista quatrocentona também é enfocada na história, através das irmãs Clotilde e Elisinha Jordão Ferraz, que tentam esconder a ruína mantendo a pose e dando calotes. Também a luta da costureira Goreti para educar a filha Simone. Goreti foi abandonada, no passado, pelo homem que a engravidou. Ele é Tadeu, marido de Stela Medeiros, que corroído de remorso, tenta se aproximar da filha adolescente.

Como a maioria das novelas globais, essa também não trazia a mulher negra como protagonista. Elas estão em segundo plano da trama.

Contemplar as mulheres negras com papéis de destaque nas telenovelas brasileiras ainda é um espaço em construção, neste sentido o presente artigo procurou estabelecer – fazendo referência às atrizes negras na Telenovela *Anjo mau* (1997) – quais os arquétipos em destaque que é determinado em torno das atrizes negras: Léa Garcia (Dona Cida), Tais Araújo (Vívian), na qual a trama evidencia não como destaque, o conformismo e sofrimento de Dona Cida que para não prejudicar a filha socialmente branca (Luiza Brunet) esconde seus vínculos, e também os reflexos de uma trajetória da vida de Vívian que para chegar a uma posição considerável passa por momentos difíceis. É notório que esses personagens tendem a diminuir a identidade da população negra; obviamente estabelecem os personagens sempre em classe inferior,

Pois numa sociedade esteticamente regida por um paradigma branco (...) a clareza ou brancura de pele, mesmo sem as barreiras guetificantes do multiculturalismo primeiro-mundista, persiste como marca simbólica de uma superioridade imaginária atuante em estratégias de distinção social ou defesa contra perspectiva 'colonizadoras' da miscigenação.

Dessa forma percebe-se que a atriz Léa Garcia (Dona Cida) é caracterizada com o estereótipo da *Mãe-Preta* a qual apresenta característica “costumeiramente apresentada como sofredora e conformada (...) sacrifica-se pelo filho branco, e, nem sempre reconhecida, morre quase santificada” (RODRIGUES, 2001.p.32), esse arquétipo rotula a mulher negra como passiva, capaz de se martirizar pela satisfação do outro, como se seus sentimentos fossem inferior aos da pessoa pela qual sofre, isto pode ser percebido na atuação de Dona Cida, a qual

oculta seus sentimentos, o interioriza para não prejudicar sua filha branca que ficaria arrasada se descobrisse quem sua mãe.

É interessante que percebamos que a novela aborda o preconceito racial, porém de que forma o mesmo é abordado? A personagem Dona Cida além de sacrificar seus sentimentos e se entregar ao conformismo, também assume uma profissão secundária, é empregada doméstica, o que assevera a convicção de que a mulher negra sempre assume papéis subalternos; de um lado temos a amostra na mídia de que no Brasil há o preconceito racial, do outro a inserção da mulher negra em atividades que reafirma e perpetua tal preconceito. Seguindo as expectativas de Silvia Ramos, discutir as dinâmicas da mídia frente às questões de raça e etnicidade é, em grande medida, discutir as matrizes do racismo no Brasil. Os meios de comunicação são, por assim dizer, um caso-modelo de reprodução das nossas relações raciais.

Na representação de Taís Araújo (Vivian) corresponde ao estereótipo da musa brasileira, pois é pudica e respeitável, doce e meiga, mas que é raro nos meios de comunicação (RODRIGUES, 2001.p.54). Esse arquétipo arranca das pessoas o sentimento de pena, de coitadinha, como uma pessoa indefesa e sofredora que não teve sorte na vida, mas que ao quebrar várias vezes a cara na vida consegue o que tanto deseja. Será que para ter um futuro melhor a mulher negra tem que se submeter a humilhações, a sofrimentos? Essa situação provoca um conformismo nos telespectadores - principalmente os negros(as) – os mostrando que se tem que aceitar o sofrimento, o quadro em que vive para depois, no futuro, ter melhorias na vida.

Sendo assim, de um lado temos um papel que consiste em colocar a questão de conformismo, do outro uma trajetória sofrida para se chegar a uma posição almejada. Essas situações deixam transparecer que o nosso país está longe de alcançar uma democracia, porque mesmo que se insiram negros na mídia, sempre haverá uma ambigüidade, na medida em que é mostrada a sociedade que o negro está inserido e participando. Entretanto a submissão é visível, pois as atividades estabelecidas diminuem seu escalão intelectual, os renegando e asseverando cada vez mais a discriminação racial.

Tendo em vista a novela *Anjo Mau*, surgem-nos questionamentos que condizem com os arquétipos que rotulam as mulheres negras, ou seja, o que levou a autora Maria Adelaide Amaral a depositar as representações estereotipadas a essas atrizes. Porque o personagem de Vivian teve uma infância obscura (menina de rua, órfã) e Dona Cida todo um sofrimento (empregada doméstica)? São essas inquietações que nos levam a acreditar que as novelas refletem pretensões da sociedade tanto no poder aquisitivo como cultural, ora não seria cabível colocar no “ar” os negros exercendo papéis referentes à sua cultura – e se colocam é na representação do período escravocrata –, pois a acessibilidade nos meios de comunicação não é igual para todos e a mídia procura produzir para ser consumida e vendável. Logo assim as críticas surgirão e os negros serão relegados a exclusão. Assim, percebe-se que:

Em poucos trabalhos identificamos atores negros nos papéis principais, de protagonistas ou antagonistas. As rédeas da ação são tomadas por personagens interpretados por atores brancos, que atuam como o Leão, o condutor, ou compõe o grupo de personagens principais (...). De um modo geral, ao ator afro-brasileiro estão reservados os personagens sem, ou quase sem, ação, os personagens passageiros, decorativos, que buscam compor o espaço da domesticidade, ou da realidade das ruas, em especial das favelas.

Portanto, é notório que a presença da mulher negra na novela *Anjo mau* (1997) é moldada com estereótipos que as caracterizam como sendo apenas capazes de exercer cargos subalternos reduzindo o intelecto das mesmas. Porém vale salientar que a personagem Vivian (Taís Araújo) diante das problematizações, enfrentou os preconceitos reafirmando a sua identidade, no entanto isso não apaga a trajetória que sua personagem teve que enfrentar para ter essa aceitação. Assim discute os autores Antonio Pitanga e Milton Gonçalves dizendo que não querem mais papéis de negros, queremos papéis de brasileiros. Todavia, se fazem necessários, debates que envolvam maiores participações das mulheres negras em papéis relevantes de forma que desmistifique os pensamentos racistas que permeiam as mentes da sociedade brasileira. É preciso então, criar uma dramaturgia que comece a contar a história do povo brasileiro, que não é só de sofrimento e nem de total submissão como tem sido retrato nas novelas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que as representações das mulheres negras nas telenovelas brasileiras são caracterizadas por arquétipos que inferiorizam sua presença, o referente artigo propõe mais espaços para suas atuações de forma que não se singularize a personagens domésticos caricaturados com baixo nível intelectual. Precisa-se de uma política mais democrática que envolva e torne mais visível à militância das mulheres negras, um rompimento com os pensamentos machistas e preconceituosos no que se refere à fragilidade e incapacidade feminina; deve-se romper com as afirmações no que tange a sexualidade da mulher negra, ou seja, separar os conceitos de beleza da sexualidade. Só com uma política de promoção da população negra na mídia e em outros espaços da sociedade se irá superar o papel de subalternidade de mulheres negras veiculado na televisão, afinal esse meio de comunicação, segundo Araujo (2000, p. 79) “é o produto cultural que possivelmente mais busca suas fontes nas

experiências sociais e culturais do país, e mais intensamente procura dialogar com o imaginário popular”.

Enfim, deve lutar por posições que mostrem o potencial intelectual das mulheres negras, de maneira que se abram as portas para a igualdade de expressão e que permita uma “representação diversa e complexa da alma popular” da mulher brasileira.